

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA**

**ANA LÚCIA GUARAGNA BORGES**

**Uma escuta de pichações em Porto Alegre: um ensaio fugaz**

Porto Alegre

2022

ANA LÚCIA GUARAGNA BORGES

**Uma escuta de pichações em Porto Alegre: um ensaio fugaz**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Área de concentração: Psicanálise, Clínica e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann

Porto Alegre

2022

Nome: Guaragna, Ana Lúcia

Título: Uma escuta de pichações em Porto Alegre: um ensaio fugaz

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Aprovada em:

Banca examinadora

---

Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann  
(orientador)

---

Prof. Dr. Roberto Henrique Amorim de Medeiros  
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

---

Profa. Dra. Ana Lúcia Mandelli de Marsillac  
(Universidade Federal de Santa Catarina)

---

Profa. Dra. Renata Lisbôa Machado  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Amadeu de Oliveira Weinmann, pela parceria de trabalho, por me mostrar outros ângulos psicanalíticos e respeitar os meus. Por apostar que em nosso percurso chegaríamos a algum lugar bonito. Encontramo-nos nas páginas desta dissertação.

Ao trio deslizante, minhas amigas e colegas de mestrado: Giovana Netto, Isadora Lago e Martina Oliveira, por deslizarmos juntas através de momentos turbulentos e de comemorações dos preciosos achados ao longo destes anos. Vocês foram um destes.

À Maria Lucia Macari, Emylle Savi e Camila Terra da Rosa com suas importantes contribuições e por serem mulheres pesquisadoras que tanto me inspiram. Ao Fernando Basso, com suas precisas contribuições bibliográficas.

À banca de qualificação, Cristiane Freitas Gutfreind, Roberto Henrique Amorim de Medeiros e Silvana Rea, pela leitura atenta e dedicada para com o projeto. O trabalho que se seguiu tomou outros rumos a partir destas contribuições.

Aos autores e autoras que estão presentes nesta pesquisa, com suas ideias me provocaram a pensar. Sinto como se fossemos amigos próximos com quem muito dialoguei.

Ao Sérgio Lewkowicz, pela escuta implicada e pelo constante trabalho de atravessar comigo as cidades e os muros que habitam em mim.

À minha amiga de longa data, Thuani Lindemann, pelas trocas ao longo deste período. Das cartas da adolescência às escritas do mestrado, contigo aprendi a compartilhar.

À minha mãe, Maria Lúcia Mandelli Guaragna, por ter me mostrado as letras e me ensinado as palavras, e pela herança urbanística que existe em mim. Ao meu pai, Eduardo Vieira da Costa Guaragna, pelos questionamentos que me fazem pensar e por me ajudar a dar alguns contornos quando necessário. A ambos, pelo amor, confiança e respeito desde sempre ao meu ser.

Ao Tiago Mandelli Guaragna, meu irmão, por me encantar com as maquetes de arquitetura e me ensinar a jogar *Age of Empires* e *Quest for Glory*, aprendi sobre cultura e mitologia contigo. Ao meu irmão, Frederico Mandelli Guaragna, pela criatividade, fonte de admiração. Penso que as bases da escrita bebem da fonte das experiências da infância.

Ao Tomaz Vasconcellos Borges, meu amor, por dividir a vida comigo e por desde o primeiro instante em que nos conhecemos, me mostrar outras janelas possíveis para pensar o mundo. A vida contigo é feita de muitas descobertas.

Ao Pepe, pelos olhos carinhosos e por ser meu fiel companheiro nos momentos de escrita.

À Elis, que a cada dia cresce aqui dentro, e tem sido responsável, nos últimos meses, pelo sorriso que estampa meu rosto, além de me mostrar a potência da vida.

À cidade de Porto Alegre, com seus muros, escritas, dores e amores. Com seu famoso pôr do sol, foi cenário de inspiração.

A todos esses, meus mais profundos agradecimentos.

## RESUMO

Guaragna, A. L. (2022). *Uma escuta de pichações em Porto Alegre: um ensaio fugaz* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

Essa dissertação surge do desejo de operar com uma psicanálise que esteja implicada com os fenômenos sociais e as demandas do contemporâneo. Para tal, como palco de trabalho escolhemos a cidade de Porto Alegre, e as pichações como resíduos do tecido urbano. Apostamos que há potência nas pichações para pensarmos o contemporâneo, tendo em vista que são produções culturais que instigam, impactam e desacomodam. Encontram *resistência* por parte de uma parcela da sociedade. Contudo, são marcas que *resistem*. O que as pichações, marcas na cidade, podem nos dizer acerca de nós como sujeitos, como cultura? Para fazer trabalhar nossa questão de pesquisa, dialogamos com outras áreas do saber, como: história, história da arte, geografia, filosofia e antropologia, dentre outras. Além disso, algumas ferramentas metodológicas foram utilizadas para nos aproximarmos das pichações, tais como: caminhadas por três bairros de Porto Alegre, calcadas no método do *flâneur*, o registro fotográfico destas caminhadas, um diário de campo e a gravação de sons. Em um movimento de *a posteriori*, descobrimos o método de escuta urbana que utilizamos, que envolveu o uso da contratransferência, a psicanálise implicada, a escuta de imagens, tal como proposto por Freud com o conceito de escrita-pictórica, e o conceito de objeto *a* como desenvolvido por Lacan. Por último propomos alguns enlaces entre as caminhadas e chegamos à hipótese de haver em Porto Alegre a insistência de uma cultura higienista, mas também de a cidade ser palco de diversas interrogações e criatividade.

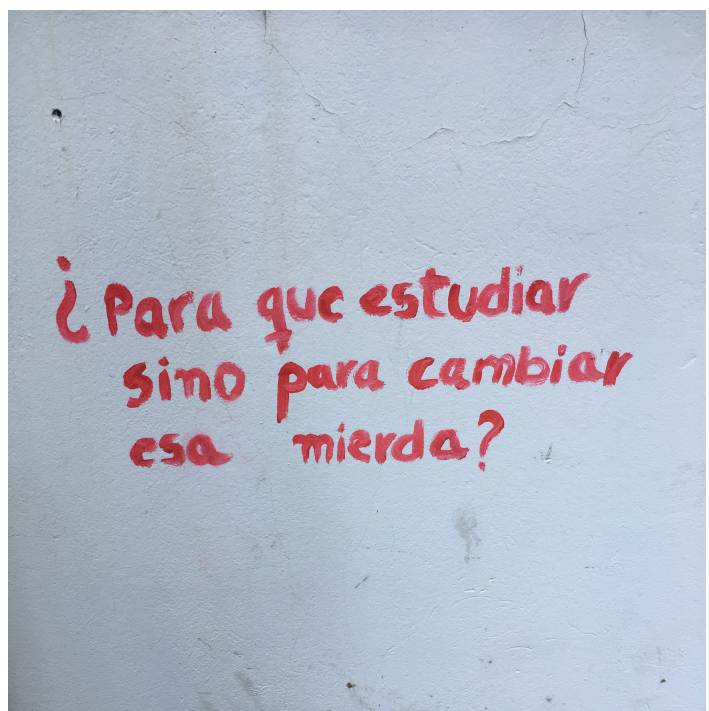
**Palavras-chave:** Psicanálise. Cidade. Pichação. Psicanálise implicada. Escuta urbana.

## RESUMEN

Guaragna, A. L. (2022). *Una escucha de pichaciones en Porto Alegre: un ensayo fugaz* (Tesis de maestría). Instituto de Psicología, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

Esta disertación surge del deseo de operar con un psicoanálisis que se implique con los fenómenos sociales y las demandas de la contemporaneidad. Para ello, elegimos como escenario de trabajo la ciudad de Porto Alegre, y las pichaciones como residuos del tejido urbano. Apostamos que hay potencia en las pichaciones para pensar la contemporaneidad, dado que son producciones culturales que instigan, impactan y desacomodan. Encuentran *resistencia* por parte de una parcela de la sociedad. Sin embargo, son marcas que *resisten*. ¿Qué nos pueden decir las pichaciones, marcas en la ciudad, sobre nosotros como sujetos, como cultura? Trabajando nuestra pregunta de investigación, dialogamos con otras áreas del conocimiento, tales como: historia, historia del arte, geografía, filosofía y antropología, entre otras. Además, utilizamos algunas herramientas metodológicas que nos acercaron a las pichaciones, tales como: caminatas por tres barrios de Porto Alegre, a partir del método *flâneur*, el registro fotográfico de estas caminatas, un diario de campo y la grabación de sonidos. En un movimiento *a posteriori*, descubrimos el método de escucha urbana que utilizamos, con el uso de la contratransferencia, el psicoanálisis implicado, la escucha de imágenes, como lo proponía Freud con el concepto de escrita-pictórica, y el concepto de objeto *a* desarrollado por Lacan. Finalmente proponemos algunos enlaces entre las caminatas y llegamos a la hipótesis de que hay una insistencia de una cultura higienista en Porto Alegre, pero también que la ciudad es escenario de varias interrogaciones y creatividad.

**Palabras clave:** Psicoanálisis. Ciudad. Pichación. Psicoanálisis implicado. Escucha urbana.



**Muro no Instituto de Psicologia da UFRGS**

**1 de novembro de 2019**



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 CAMINHAR NA CIDADE, ENCONTRAR OS MUROS</b> .....	18
1.1 Cidade e psicanálise.....	18
1.2 Uma breve história das pichações.....	22
1.3 A rua e seus conflitos.....	24
1.4 Cidade e memória.....	26
<b>2 DIMINUIR OS PASSOS, OLHAR OS DETALHES</b> .....	31
2.1 Aproximações e afastamentos no Moinhos de Vento.....	31
2.2 Escrever no urbano com os pés: <i>flâneuses</i> no Bom Fim.....	42
2.2.1 <i>A sobrevivência das formas</i> .....	44
2.2.2 <i>Biblioteca dos olhos</i> .....	47
2.2.3 <i>As flâneuses</i> .....	51
2.2.4 <i>Olhares femininos na cidade</i> .....	57
2.3 Silenciosas pichações no barulhento Centro da cidade.....	61
2.3.1 <i>Fronteiras, barulhos, silêncios e vozes: a pluralidade do Centro</i> .....	66
<b>3 ESCUTA URBANA: ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS</b> .....	75
3.1 Escuta urbana: da contratransferência à psicanálise implicada.....	79
3.2 Escuta das pichações: escrita-pictórica e objeto <i>a</i> .....	83
<b>4 ENTRE-LAÇOS</b> .....	90
4.1 A insistência de uma cultura higienista em Porto Alegre.....	90
4.2 Zona intermediária da experiência.....	98
4.3 Efeitos do tempo na escuta psicanalítica.....	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	107
<b>FILMOGRAFIA</b> .....	117

## INTRODUÇÃO

Cidades me encantam, desde muito cedo gostei de viajar e de me sentir estrangeira, pois me parecia que o olhar infantil da curiosidade, da descoberta, automaticamente era acionado a cada chegada em uma cidade diferente da minha. Com o tempo, passei a me dar conta de que esse mesmo olhar poderia emergir sem precisar viajar e que se sentir estrangeira não é algo que depende de um lugar físico, é uma atitude interna, e certamente muito tem a ver com a curiosidade. Não encontro palavra que possa melhor definir o desejo por essa pesquisa, a curiosidade. Nasci em Porto Alegre e, com exceção de alguns meses, em momentos diversos, os quais morei em outros locais, minha vida é aqui, nesta cidade. Mas o que mais tenho para descobrir no que já conheço? Para além disso, como posso relançar minhas descobertas para o mundo, pelo menos para fora de mim?

Um dia estava em Pelotas, na casa dos avós de meu marido, em uma cidade e casa estrangeiras para mim. Estávamos dentro do carro e a casa de seus avós havia sido pichada, logo comentei: "bah, picharam, que coisa horrível!". Meu marido disse que discordava de mim, que tinha outro ponto de vista e camadas a serem pensadas, e ainda rebateu: "logo tu que é da psicanálise, deverias pensar sobre isso". Ele já havia escutado outros discursos sobre pichação e agora compartilhava comigo suas reflexões. Não sei explicar bem como, mas a partir daquele momento as pichações viraram uma questão, esta cena me marcou e meu "primeiro contato" com elas foi uma mistura de captura, horror e imensa curiosidade. Não concordo que temos assuntos específicos para serem pensados dentro da psicanálise, mas que o que move nossas pesquisas, primeiramente, deve ser um objeto que nos ponha em movimento, que nos traga para esse estado de desconhecimento e inquietação. A seguinte interrogação passou a me acompanhar e, posteriormente, a ser formulada como questão de pesquisa: o que as pichações, marcas na cidade, podem nos dizer acerca de nós como sujeitos, como cultura?

O fotógrafo Adriano Choque, no documentário *Pixo* (2010), define a relação da pichação com a cultura da seguinte maneira: "a pichação surge como uma doença na pele da cidade, que põe entranhas para fora. Compreendendo a pichação, a sociedade estará compreendendo ela própria, pois toda manifestação artística é reflexo direto dos acontecimentos e valores da sua época. Olhar para a pichação é olhar para dentro de si próprio e, com certeza, você verá muitas coisas que não irão agradar." Não pensamos que, com as pichações, encontramos um reflexo direto dos acontecimentos da época, e também não

qualificamos o que encontramos como coisas agradáveis ou desagradáveis. Entretanto, apostamos que há potência nas pichações para pensarmos o contemporâneo, tendo em vista que são produções culturais que instigam, impactam e desacomodam. Encontram *resistência* por parte de uma parcela da sociedade e das mídias que as condenam e buscam o seu apagamento. Contudo, são marcas que *resistem*. A dimensão conflituosa das pichações instiga-me a pensar e a escolha deste objeto de pesquisa, e não do grafite, se deu justamente por suas conflitivas. Mesmo que alguns autores não diferenciem grafite de pichação, assim como alguns pichadores e grafiteiros não o fazem, nesta pesquisa iremos nomear como pichação as escritas ou símbolos que estão às margens do espaço urbano formal de expressão, manifestando-se a partir da ilegalidade. Ao longo dos capítulos, iremos aprofundar esta diferença e, mesmo que algumas das referências utilizadas não as levem em consideração, suas contribuições foram significativas em nossas construções.

No que diz respeito ao contemporâneo, o filósofo Giorgio Agamben (2009) discorre que a questão do contemporâneo é a de dirigir-se, singularmente, ao escuro do nosso tempo como algo que nos concerne e, portanto, deveríamos insistir em interpretá-lo. A partir destas indagações, propomos uma escuta urbana das pichações, como algo da ordem do contemporâneo que não se compreende, *a priori*. As pichações como potente manifestação cultural para pensar um dos escuros de nosso tempo. Iniciamos abordando o tema da cidade para então percorrermos a temática das pichações, enlaçando com a cultura. Nesse sentido, podemos pensar os nossos objetos de pesquisa em uma espécie de *zoom*, de uma maneira mais ampla estamos interessados em pensar aspectos da cultura, inseridos em um fragmento, a cidade de Porto Alegre, que se manifestam especificamente a partir das pichações. Todos estes objetos de pesquisa estão enlaçados, o que faz com que nos seja difícil dizer: nosso objeto de pesquisa é as pichações, ou a cidade, ou a cultura. São todos, pois os compreendemos em ligação, tal como uma fita moebiana. Ao longo dos capítulos, estas relações irão ser aprofundadas.

Ao escolhermos trabalhar com estes objetos de pesquisa, não pretendemos ter como foco de investigação os pichadores. Muitos trabalhos consultados abordam a pichação a partir desta perspectiva; entretanto, nos fez sentido percorrer outros caminhos. As pichações podem ter diversos endereçamentos: membros do grupo, outros pichadores, governantes, camadas sociais específicas e também os transeuntes. Este último foi a abordagem que escolhemos. Reconhecer este endereçamento e trabalhar a partir dele nos fez apostar que poderíamos escutar aspectos da cultura ao nos relacionarmos com as pichações. Traumas, angústia, desejos, sonhos, passado, presente, futuro, inquietações, diversas questões que fazem parte do

psiquismo dos seres humanos. Nesse sentido, acolhemos uma via mais antropológica do que sociológica, ao pensar a cultura de uma forma mais ampla, mesmo que inserida em uma localização restrita, a cidade de Porto Alegre, e não o estudo de uma comunidade específica, os pichadores. Após algumas delimitações, começamos a imaginar a cidade de Porto Alegre como um corpo psíquico e as pichações como formações de compromisso, manifestações de um inconsciente urbano, importantes pistas para pensarmos um fragmento de cultura, um pedaço do mundo.

Em seguida, surgiu o que faz parte de toda pesquisa, isto é, como fazê-la, o método. Como propor uma escuta urbana? Tendo em vista que venho de uma trajetória clínica, passei a questionar-me sobre como articular o método clínico de escuta com um método de escuta da cultura, mais especificamente, do urbano e, além disso, das imagens, as pichações. Em um primeiro momento, tal articulação se deu a partir de uma torção, que encontrei nas palavras de Mariana Anconi (2020), psicanalista que tem aprofundado as relações da psicanálise com a cidade. Sair do lugar de escuta para a escuta do lugar. Penso que esta torção se refere à mobilidade da escuta, ou seja, ir ao encontro do urbano. Escutar a cidade como falante de um saber acerca dos sujeitos contemporâneos, como o que Freud fez em relação às históricas nos primórdios da psicanálise. Me lancei à rua, animada pelo desejo de caminhar pela minha própria cidade, encontrá-la e reencontrá-la, com um tema que me afeta, e me propus a tirar fotos e fazer anotações do que o olhar para as pichações me convocaria a pensar acerca da cultura. Escolhi três bairros próximos à minha casa para inserir a pesquisa em meu cotidiano e com a intenção de chegar a estes locais a pé, pois o ato de caminhar me parecia fundamental como instrumento de pesquisa. Apenas em um momento *a posteriori* o nosso método de escuta urbana se definiu. Inicialmente, nos deixamos levar pela cidade para depois compreendermos como e o quê escutamos.

O exercício de caminhar pela cidade como um instrumento de apreensão de aspectos da cultura é algo de longa data. Temos como exemplo a famosa figura do *flâneur*, desenvolvida pelo poeta francês Charles Baudelaire, na Paris do século XIX. O *flâneur* nasce na Modernidade ao sentir-se incomodado com as mudanças de estilo de vida geradas pela Revolução Industrial. Ele pode ser descrito como um observador que caminha pelas ruas, absorvendo cada detalhe em uma busca por uma nova percepção da cidade (Keller, 2014). Posteriormente, o filósofo alemão Walter Benjamin (2009) também se apropria desta figura em seus escritos, principalmente no livro *Passagens*. Para Benjamin, diante do declínio da experiência tradicional, o *flâneur* seria aquele que ainda teria uma flexibilidade perceptiva para olhar e encontrar, nos detalhes, a possibilidade de narrar as questões de seu tempo. No

campo das artes, encontramos as relações dos Dadaístas e Surrealistas com o urbano, ao promover performances e lançar sobre a cidade um olhar capaz de captar os signos que ela apresenta. Tudo o que é do cotidiano passa a ser objeto de interesse para estes artistas.

Na década de 1960, temos os Situacionistas, grupo liderado por Guy Debord, escritor francês, cineasta e autor do livro *A sociedade do espetáculo*. Os Situacionistas eram artistas, pensadores e ativistas que lutavam contra a cultura espetacular, contra a alienação e a passividade da sociedade. O grupo tinha como interesse as questões urbanas a partir do questionamento de movimentos da arquitetura e urbanismo. Foram responsáveis pela técnica chamada de *deriva* que consiste em um modo de ação na cidade ao passar por ambientes variados e criar situações. Também formularam a prática de *psicogeografia* que é o estudo dos efeitos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, na forma como eles agem sobre o comportamento afetivo dos indivíduos (Jacques, 2003).

Na área da antropologia, encontramos método semelhante. Collete Pétonnet (2008), antropóloga francesa, refere a cidade como um lugar de misturas e salienta a importância de ela ser estudada em seus diversos meios. Para a investigação das diversidades urbanas, a antropóloga utiliza o método de *observação flutuante* que consiste em um permanecer vago e disponível em toda a circunstância. Neste método, é importante não mobilizar a atenção sobre um objeto específico, mas deixá-la “flutuar” de modo que as informações penetrem sem filtro, sem *a priori*, até que os pontos de referência ou de convergência surjam e então se descobre as regras subjacentes. Ao utilizar o método descrito acima no cemitério *Père-Lachaise*, em Paris, a autora descobriu, em alguns dias, um uso inusitado do cemitério parisiense e a existência de verdadeiros profissionais da lembrança no local.

Como é possível perceber, o caminhar pela cidade em suspensão do saber e em estado de não procura, como instrumento de pesquisa, é nomeado de várias formas, certamente com suas variâncias e discriminações. Entrar em contato com esses movimentos me possibilitou pensar a cidade como local de ação, de afetos e de criação, um grande corpo pulsional e simbólico da cultura. Como faria para registrar essas caminhadas e os pensamentos suscitados? Resolvi utilizar o registro de imagens: as fotografias, e o registro escrito: o diário de campo.

Uma das características das pichações é o fato de serem imagens, muitas vezes imagens-textos. Claro que isso seria uma característica talvez simples e rasa; todavia, não tem como contestar, são imagens, ainda que não apenas. O uso da fotografia foi pensado como um recurso para coletar material, detalhes, e *a posteriori* encontrar os possíveis lapsos, tropeços imperceptíveis na caminhada. Aos poucos, a fotografia foi se revelando como um potente

instrumento de captação de restos, um inconsciente óptico do que as caminhadas provocavam em mim. Nesse sentido, um dos objetos de pesquisa não são as pichações em si, mas as fotos que tirei delas. O diário de campo também cumpre essa função, mas a partir da palavra. O diário de campo seria análogo ao processo de fala e como método pode ser pensado a partir do desenvolvido por alguns autores. Gurski e Strzykalski (2018) definem o que chamam de diário de experiência como uma escrita norteada pelo movimento da associação livre. A escrita a respeito do trabalho, além de ser um registro, seria um tempo outro que, articulado com as reuniões de orientação, proporcionaria a passagem da vivência à experiência, conforme desenvolvido por Benjamin (1933/2012a), em *Experiência e pobreza*.

Iribarry (2003) também pensa a escrita do diário clínico como um registro de experiência onde é permitido ao pesquisador deixar fluir associações significantes formando uma trama, um tecido textual. A leitura dos diários é dirigida pela escuta transferencial para identificar significantes, as falhas, tropeços através dessa escrita. Dessa forma, o pesquisador psicanalítico fica atento ao desfile dos significantes que compõem a escrita para estabelecer alguma teoria, uma construção de natureza ficcional. Nesta pesquisa, o diário de campo era escrito sempre após as caminhadas, em um primeiro momento com a intenção de ter mais um registro, além do fotográfico, para lembrar das caminhadas e das associações suscitadas. Entretanto, assim como a fotografia, o diário de campo se revelou como um instrumento de outra forma. Ao avaliar o ritmo da escrita, as interrupções, os significantes que se repetem, se aproximou mais de um diário de experiência, assim como a fotografia: um instrumento de acesso ao inconsciente. O que não foi acessado pela consciência nas caminhadas, apareceu nos diários como restos do andar. Diferentemente das fotografias, os diários não serão aqui expostos explicitamente, mas certamente, tal como uma melodia de fundo, deram o tom das escritas das andanças. Na última caminhada, um instrumento não previsto surgiu, o registro de sons, e discorreremos sobre ele ao longo dos capítulos finais.

O que foi apresentado até o momento foram os instrumentos planejados para nos abastecerem para as caminhadas e para a escuta urbana. Entretanto, como referimos anteriormente, o nosso método de trabalho foi uma construção posterior. Sendo assim, a dissertação está organizada de maneira que pudéssemos manter a ordem na qual fomos descobrindo o trabalho que criamos. Está dividida em cinco partes: primeiramente, abordamos as relações da psicanálise com a cidade; posteriormente, formulamos textos-ensaios de três caminhadas pelos bairros; no capítulo seguinte, descobrimos nosso método de escuta urbana; no quarto capítulo, costuramos alguns enlaces entre as caminhadas; e, por último, temos as considerações finais onde discorreremos acerca do que não escrevemos ao

longo da dissertação, relembramos por onde andamos e, por fim, reconhecemos por onde não foi possível caminhar. Vejamos no detalhe a apresentação de cada capítulo.

Começaremos nossa viagem pelas pichações em Porto Alegre com o capítulo *Caminhar na cidade, encontrar os muros*, ao abordar a temática da cidade em algumas aproximações com a psicanálise. Para pensar estas interlocuções, nossa escuta para a cidade se direciona a tomá-la como um lugar simbólico, ou seja, da linguagem. Espaço que abarca, além de seus mapas formais, outras cartografias produzidas a partir do encontro com o outro, sendo as pichações uma destas. Neste capítulo, percorreremos um breve histórico das pichações e a introduziremos como manifestações de conflitos urbanos. Discutiremos a rua, espaço aberto, como local de produção de cultura. Por fim, a partir do conflito presente na sociedade entre o apagamento e a resistência dessas marcas, abordaremos o problema da memória, interrogando se as pichações poderiam consistir em memórias fugazes das vozes não registradas em arquivos históricos, mas que insistem em ecoar, conforme trabalhado por Benjamin (1940/2012b), em *Sobre o conceito de história*. Após nos ambientarmos com a cidade em suas relações com a psicanálise, as pichações, os sujeitos e a cultura, iremos iniciar as caminhadas.

O capítulo seguinte, *Diminuir os passos, olhar os detalhes*, se caracteriza por assumir um ritmo, e diria uma estética, diferente de todo o resto da dissertação. O capítulo é composto por três textos que formam uma colcha de ensaios, cada um sobre um bairro diferente: Moinhos de Vento, Bom Fim e Centro. De suas origens literárias até suas revisões cinematográficas, o ensaio descreve as mais variadas atividades de um ponto de vista pessoal, a partir de uma experiência pública. A origem mais conhecida do ensaio é a obra de Michel de Montaigne (1533-1592), *Ensaaios*, ao escrever suas reflexões sobre o cotidiano e seus pensamentos. Nos ensaios, testemunhamos as mudanças e os ajustes de uma mente enquanto ela vive a experiência, além da transformação do eu ensaístico como parte do processo (Corrigan, 2015). Nesse sentido, é a partir da interação entre a forma e o conteúdo do texto, entre ideia e expressão que se percebe como sujeito e objeto de pesquisa se relacionam e se constituem reciprocamente (Azar, 2012).

No primeiro texto, *Aproximações e afastamentos no Moinhos de Vento*, a partir de algumas fotografias tiradas por mim fui tecendo associações que as fotografias me convocaram a produzir para pensar a cultura. Nesta caminhada, nos deparamos com o lugar de *voyeur* na cidade e com a temática do olhar. Para nos auxiliar em nossas construções contamos, principalmente, com as ideias do historiador da arte Didi-Huberman. A caminhada pelo Moinhos de Vento nos fez encontrar o tema da morte e produzir interrogações acerca da

escassez de lugares de eficácia simbólica para lembrar e elaborar os traumas do povo brasileiro. No texto seguinte, *Escrever no urbano com os pés: flâneuses no Bom Fim*, a partir de uma forma que se repetiu nas pichações encontradas no bairro, o desenho de olhos, construímos uma biblioteca com olhos de diversos períodos do tempo, inspirados pela obra do historiador da arte Aby Warburg. As associações tecidas a partir da biblioteca, um compilado de imagens, nos levaram a pensar na figura feminina do *flâneur*: a *flâneuse*. Em diálogo com as obras literárias de Clarice Lispector, Maria Valéria Rezende, Miriam Alves, Glória Anzaldúa e com as fotografias de Tuane Eggers, formulamos interrogações acerca da mulher na cidade e sobre o que concerne a uma posição feminina no discurso. No último texto que compõe este capítulo, *Silenciosas pichações no barulhento Centro da cidade*, encontramos pichações silenciosas, apesar de estarem presentes nas ruas por onde andamos. Elas não nos chamaram a atenção, inclusive algumas estavam no alto de prédios, longe da altura de nosso olhar. Tal perspectiva nos fez prestar atenção aos barulhos da cidade, o que nos levou a utilizar um novo instrumento: a gravação de sons. A escrita desta caminhada é permeada pela dialética do silêncio das pichações e dos barulhos da cidade. Além disso, encontramos outros significantes, tais como a temática das fronteiras e o objeto voz para a psicanálise. Para dar conta destes temas, contamos com as contribuições do geógrafo brasileiro Milton Santos e do psicanalista francês Jean-Michel Vivès. As associações tecidas nesta caminhada nos levam a pensar no passado higienista de Porto Alegre e a produzir interrogações acerca das vozes que encontramos no Centro. No percurso desta caminhada nos pareceu que o Centro pode ser pensado como um lugar utópico, tal como desenvolve o psicanalista Edson de Sousa, onde é possível pensar em uma Porto Alegre que se abre para outras formas de laço social ao acolher a diversidade e a mistura.

Após finalizarmos as três caminhadas, nossa colcha de ensaios, nos encaminhamos para o terceiro capítulo, *Escuta urbana, entre encontros e desencontros*. Este é o capítulo metodológico da dissertação e, portanto, é dedicado a pensar em um movimento de *a posteriori* como formulamos o que chamamos de escuta urbana. Ao revisarmos as caminhadas e olharmos os trajetos nos detalhes, percebemos que em cada local que andamos houve a criação imprevisível de algo, a partir das pichações. No Moinhos de Vento, com os restos diurnos de algumas imagens, produzimos um sonho que nos permitiu formular questões acerca da cultura. No Bom Fim, com os diversos olhos pichados que encontramos nos muros do bairro construímos a *Biblioteca dos olhos*. No Centro, a partir do silêncio das pichações e em meio à efervescência do local, gravamos alguns sons da cidade criando uma mistura de passos e pulsações dos diversos corpos que a habitam. Tais constatações nos fizeram



interrogar por que muito de mim foi convocado nas caminhadas. A partir disso, em um primeiro momento, nos fez sentido pensar no conceito de contratransferência para a psicanálise. Posteriormente, com as contribuições do psicanalista Frayze-Pereira (2011), atualizamos este conceito para psicanálise implicada e aprofundamos as possibilidades de a psicanálise trabalhar com obras da cultura. Ao longo da dissertação, tomamos as pichações como imagens que podem ser lidas, ou seja, como linguagem. Nesse sentido aprofundamos neste capítulo o conceito de escrita-pictórica conforme desenvolvido por Freud (1900/2019), em *A Interpretação dos sonhos*. Todavia, ao compreendermos a especificidade das pichações e os impactos que desde o início provocaram em mim, trabalhamos com outra dimensão das pichações, que concerne ao objeto *a* para a psicanálise. Entendemos que algo nos escapa nestas imagens e, ao mesmo tempo em que nos faz uma exigência de trabalho, também nos mostra os limites de nossa escuta. Mediante estas ferramentas teóricas: contratransferência, psicanálise implicada, escrita-pictórica e objeto *a*, definimos o método de escuta urbana. Neste capítulo, também discorreremos acerca da nossa ética de pesquisa a partir do cuidado em não colonizar a cidade e as pichações com a psicanálise, mas construir uma língua em conjunto.

O quarto capítulo, *Entre-laços*, retoma a questão de pesquisa e a atualiza ao pensar o que as pichações puderam nos dizer acerca de um fragmento de verdade de uma cultura local. O capítulo se propõe a entre-laçar alguns fios que surgiram ao longo dos três bairros percorridos. Algumas hipóteses são formuladas a partir da escuta que fizemos do urbano. Contudo, é salientado que tais hipóteses são singulares e fruto do encontro da subjetividade da pesquisadora com a cidade. Tais hipóteses não são totalizantes. Elas dizem respeito à criação de uma língua em conjunto na tentativa de promover um laço social com o que é desprezado na sociedade. Neste capítulo, são construídas três costuras: a insistência de uma cultura higienista em Porto Alegre, uma zona intermediária da experiência como território de pesquisa, tal como desenvolvido por Winnicott (1975), e os efeitos do tempo na escuta da cidade. A primeira costura visa circunscrever nossa questão de pesquisa, as outras duas dizem respeito a sobras de nosso bordado. Enlaces que se apresentaram além do que pretendíamos e que se referem aos efeitos da pesquisa. O capítulo chega ao fim ao definir qual foi a nossa singular cartografia de pesquisa.

A dissertação finaliza com as *Considerações finais*, as quais dividimos em três partes: um primeiro momento no qual discorreremos acerca do que não escrevemos e que se encontra nas fendas da escrita, um segundo momento no qual relembramos por onde andamos e, por fim, o reconhecimento de por onde não foi possível caminhar. O próprio ato de escrever e a

pandemia da covid-19 são abordados como entrelinhas da escrita. O desejo de caminhar por outros bairros distantes e ainda mais desconhecidos, assim como a insistência de uma pergunta são formulados como restos de pesquisa.

Por fim, os convido para iniciar essa viagem. Desejo que possam contar com suas próprias associações para que esta pesquisa se mantenha aberta a outros caminhos possíveis, aqueles não enxergados por nós.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

"O dançarino tem ouvidos nos dedos dos pés"  
Friedrich Nietzsche

Chegamos ao momento final deste percurso, e me faltam as palavras. A sensação de escapar o que dizer, expõe justamente por onde podemos iniciar. Proponho que nosso texto final aborde três momentos: discorrer acerca do que não escrevermos e que se encontra nas fendas da escrita, lembrar por onde andamos, e por fim, reconhecer por onde não foi possível caminhar.

Uma dissertação é um material que contém uma forma, portanto um contorno, e é a isto que temos acesso ao lê-la. Entretanto, ela se faz de muitos entornos e, neste momento final, me parece pertinente compartilhar alguns dos contextos por onde essa escrita se fez. O próprio ato de escrever uma dissertação foi uma destas entrelinhas que não apareceu ao longo do trabalho realizado. Em um primeiro momento, pensei que a escrita foi algo muito solitário, depois me dei conta de que muitas vozes falaram através do que escrevi e do que associei. Há algo de individual e de isolado no ato de escrever, mas que traz em si toda uma alteridade: a troca do compartilhar, as relações que estabelecemos com a vida, com os autores, colegas, amigos, com o inconsciente que fala através de nós e que é formado também pelo social que nos constitui. Diversas vezes uma pesquisa surge a partir de uma necessidade que se impõe, um enigma acerca de algo que não cessa de querer expressar-se. Sendo o disparador da escrita os contrastes de nossas experiências, algo que desconhecemos, uma lacuna a ser preenchida que nos leva à elaboração escrita. Mesmo assim, escrevemos sempre para alguém e, assim como em nossas relações, esperamos encontrar o outro, seu olhar e sua escuta (Meira, 2016). Também foi a partir da constatação de que a escrita, talvez principalmente a de rua, comporta um endereçamento, que montamos um *setting* para nos aproximarmos das pichações e trabalharmos com a cidade de Porto Alegre a partir delas.

Além do trabalho da escrita, fomos trabalhar na rua e isto certamente foi um desafio. Para Zygoris (2012), a rua é uma metáfora onde se mistura o sexual e o político, há uma desordem onde as pulsões são solicitadas, é passagem obrigatória entre a vida privada e o mundo exterior; nesse sentido, a rua pode ser perigosa. É um lugar do coletivo, onde outros saberes circulam e que muitas vezes não conseguimos encontrar nas teorias, ou até mesmo formatar em escrita. Têm algo que é do corpo, do sentir que a rua nos convoca. Contudo, ao

longo dos capítulos também escutamos que a cidade é um lugar de linguagem e, portanto, há algo do simbólico a que é possível ter acesso por meio das formas urbanas de expressão.

Dito isto, esse trabalho foi realizado boa parte ao longo da pandemia da covid-19. A rua estava interditada e pensar em frequentá-la, ou flunar, passou a ser perigoso. Como pensar sobre a cidade, seus medos, desejos, sonhos, esperanças e encontros, diante de tal cenário? Como não esquecer o que era a rua e, ao mesmo tempo, acolher o que ela é agora? O contemporâneo que insistíamos em querer interpretar, do início do mestrado em 2019 até seu término em 2022, mudou bruscamente, de forma impossível de alcançar. Mesmo que as duas primeiras caminhadas tenham acontecido um pouco antes da pandemia, em agosto de 2019, a escrita de toda a dissertação, assim como destas caminhadas, foi realizada durante a covid-19. Nesse sentido, este acontecimento permeia todo o trabalho. Em alguns capítulos, nomeamos a pandemia e seus atravessamentos; todavia, nos pareceu importante, neste momento final, fazermos este registro. Os efeitos na escuta e na escrita que produzimos, não sei dizer, ainda estamos na pandemia, talvez daqui há alguns anos essa fenda possa ser melhor suturada. Entretanto, posso dizer dos laços que sustentaram este trabalho e que foram de suma importância. Muita coisa que acontece não vai escrita no papel, mas fica inscrita em nós. Sendo assim, uma boa parte da dissertação encontra-se nas entrelinhas e é tão importante quanto as palavras que a compõe.

No que concerne ao segundo momento de nosso texto final, pensamos ser importante retomar por onde andamos ao longo deste percurso. Este trabalho de pesquisa partiu de um interesse em operar com uma psicanálise que se aproximasse dos fenômenos sociais e das demandas contemporâneas. Interesse movido pelo desejo e pelo enigma, como já vimos anteriormente. Desde o nascimento da psicanálise é possível pensar em suas relações com o resíduo das distribuições e classificações sociais. Tendo se ocupado do inclassificável, não educável e não dito, e pensado o impensável do louco, da mulher, da criança (Conte, Perrone & Braga, 2016). Nesse sentido, seguimos a história da psicanálise ao nos ocupar de um aspecto do impensável na cidade, as pichações. Para nos aproximarmos do que fomos nomeando como resto ou dejetos do urbano, primeiramente estudamos as cidades em suas relações com a psicanálise e com a memória. Após situarmos o território de pesquisa, nos lançamos para as caminhadas. Para Certeau (citado por Frayze-Pereira, 2009), o ato de andar está para o sistema urbano como a fala está para a língua. Falamos na cidade, ou falamos com a cidade, ao nos relacionarmos com ela a partir das pichações, com a aposta de que as imagens-escritas nos auxiliariam a compreender algo acerca do contemporâneo e, portanto, da cultura na qual estamos inseridos. *A posteriori*, após liberar no discurso as caminhadas pela

cidade, passamos a compreender qual foi o método utilizado ao caminhar, como dançamos na cidade. Para então escutar a música que se apresentou a nós, música que escutamos com os ouvidos dos dedos dos pés. A escuta urbana realizada nos mostrou que a cidade criada nesta pesquisa - fruto do encontro entre a subjetividade da pesquisadora e a cidade de Porto Alegre, na zona intermediária da experiência - comporta um palco de interrogações. Além disso, diversos temas circulam em seus meandros: a temática do trauma, da morte, da carência de lugares efetivos do lembrar, reivindicações da mulher no espaço urbano, entre tantos outros nos quais transitamos. Esta cidade criada está aberta a novas significações, novos devires: a possibilidade da diversidade compartilhar o espaço público, de problematizar a lógica imposta contemporânea (das cidades da pressa e da valorização do privado, dos muros dos condomínios), mas também repete o seu passado, e o atualiza, como vimos, por exemplo, com a insistência de uma cultura higienista.

Ao longo deste processo, habitei a cidade aos poucos, em um primeiro momento de um lugar de *voyeur*, mais distante, talvez por ter me dado conta da desordem pulsional que a rua convoca, tal como descrito por Zygoris (2012). Aos poucos, o desconhecido das pichações, dos bairros e de mim foi sendo acolhido. Assim como uma análise é uma experiência que implica também o analista no mais desconhecido de sua própria história e faz com que se depare com aquilo que muitas vezes permaneceu não analisado de seu lado, a cidade (e, podemos ampliar, a pesquisa psicanalítica) também pode ser pensada como uma experiência desta ordem. A sensação de em alguns momentos me misturar na cidade e, por vezes, parecer que era eu quem estava sendo analisada, diferentemente da preocupação que tal impacto pode gerar na clínica, foi um ponto de chegada importante e talvez imprescindível. Como vimos no capítulo metodológico, uma das vias da psicanálise operar na cultura é a partir de uma implicação, de liberar no discurso o que a obra nos faz associar, sentir, falar. Penso que tal implicação é o que possibilita um verdadeiro laço social, ao sentir na pele que o inconsciente não é um fato individual ligado à particularidade das vivências de um sujeito, mas se atualiza a cada estranhamento e aventura que nos disponibilizamos a enfrentar: o inconsciente também é criado na rua. Um resto sempre fica, algo de não pensado, não analisado, não enfrentado. Temos algumas pistas de quais foram os nossos.

Neste terceiro e último momento, nossa proposta é a de discorrer e reconhecer por onde não conseguimos caminhar. Algumas questões ressoam em mim neste momento final. Como teria sido a pesquisa se eu tivesse caminhado por bairros mais distantes de minha casa? Lugares por onde seria impossível chegar a pé. O que teria encontrado? Atualmente, a posição de *flâneuse* me parece tanto uma posição psíquica quanto física. Sigo pensando que o ato de

caminhar para olhar os detalhes na cidade segue sendo um ato subversivo e no contrafluxo do contemporâneo. Contudo, será que o caminhar é algo que necessita ser sempre a pé? Ou pode ser de ônibus, de carro, ou ainda uma parte a pé, e outra não? De qualquer forma, um método precisou ser construído e assegurado para que emergisse o desejo de transitar por lugares ainda mais desconhecidos e distantes da minha realidade.

Muitas questões surgiram ao longo da pesquisa e, ainda que tenhamos trabalhado com a importância de que perguntas fossem formuladas, uma delas ecoa mais intensamente em mim. Quem são os sujeitos lentos de hoje? (como proposto por Milton Santos). Onde mais é possível encontrar outros saberes, não reconhecidos formalmente, acerca da cidade? Outras vozes? Nas três caminhadas, um significante emergiu, porém não foi trabalhado: moradores de rua. No Moinhos de Vento, eles foram percebidos, mas nesta primeira caminhada estava ainda tão capturada pelas imagens que não avistei outras vozes. No Bom Fim, surgiu o desejo e a fantasia de que eles pudessem me contar acerca dos pichadores que deixavam suas marcas no bairro. Por último, no Centro, os percebo como integrados na paisagem, fazendo parte das diversas vozes ecoadas no local.

Finalizo a pesquisa sentindo a rua pulsar, a noção de tempo se expandiu na cidade, suas possibilidades cresceram dentro de mim. Há muito para gestar com Porto Alegre, há toda uma cidade que ainda não sei.

## REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2009). *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos.
- Agamben, G. (2018). O que é o ato de criação. In: Agamben, G. *O fogo e o relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Akhtar, S. (2016). *Escuta psicanalítica: métodos, limites e inovações*. São Paulo: Blucher.
- Alves, M. (2017). *O corpo negro pelado*. Recuperado de: <https://bit.ly/362PqOC>
- Anconi, M. (2020). *Fazer da cidade um enigma*. Recuperado de: <https://observatoriodacomunicacao.org.br/artigos/fazer-da-cidade-um-enigma-por-mariana-anconi/>
- Antoniuzzi, S. & Weinmann, A. (2018). *O filicídio na teoria psicanalítica e seus (des)enlaces na cultura brasileira*. Porto Alegre: Criação Humana.
- Anzaldúa, G. (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, 8(1), 229-236. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>
- Azar, C. M. F.º. (2012). Método e estilo, subjetividade e conhecimento nos ensaios de Montaigne. *Kriterion*, 53 (126), 559- 578. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/kr/a/XRPqFNyDWHNrNnMdNtpZD4N/?lang=pt>
- Barthes, R. (2011). *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Benjamin, W. (1995). Infância em Berlim por volta de 1900. In: W. Benjamin. *Obras Escolhidas II: rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Benjamin, W. (2009). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Benjamin, W. (2012a). Experiência e pobreza. In: W. Benjamin. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense. (Publicado originalmente em 1933)

Benjamin, W. (2012b). Sobre o conceito da história. In: W. Benjamin, *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense. (Publicado originalmente em 1940)

Brandellero, S. (2020). A *flâneuse* na literatura brasileira: espaços e temporalidades contestados. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, (59), 1-9. doi: <https://doi.org/10.1590/2316-40185910>

Broide, E. & Katz, I. (2019). *Psicanálise nos espaços públicos*. São Paulo: IP/USP. Recuperado de: [http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/Psicanalise\\_espacos\\_publicos.pdf](http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/Psicanalise_espacos_publicos.pdf)

Broide, J. (2019). A clínica psicanalítica na cidade. In: Broide, E. & Katz, I. (Orgs). *Psicanálise nos espaços públicos*. São Paulo: IP/USP. Recuperado de: [http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/Psicanalise\\_espacos\\_publicos.pdf](http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/Psicanalise_espacos_publicos.pdf)

Caló, F. (2005). Questões etimológicas sobre os termos: grafite e pichação. In: *Anais do III Fórum de pesquisa científica em artes*. Recuperado de: [http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/flavia\\_callo.pdf](http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/flavia_callo.pdf)

Calvino, I. (1990). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.

Canevacci, M. (2005). *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A.

Chnaiderman, M. (2003). *Rua: espaço de diversidade e criação*. Recuperado de: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1901200309.htm>

Conte, B., Perrone, C. & Braga, E. (2016). Psicanálise e intervenção no social. In: Perrone, C. (Org). *Intervenções psicanalíticas: a trama social*. Porto Alegre: Criação humana.

Corrigan, T. (2015). *O filme-ensaio: desde Montaigne e depois de Marker*. Campinas: Papyrus.



Costa, G. (2020). *Intervenções na cidade* (Comunicação online apresentada no III Encontro de Psicanálise em Espaços Públicos em 28 de agosto). Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=8hKOxxzgnPw>

Dallazen, L. (2020). *A perlaboração da contratransferência: a alucinação do psicanalista como recurso das construções em análise*. São Paulo: Blucher.

Didi-Huberman, G. (2006). *Ante el Tiempo: Historia del arte y anacronismo de las imágenes*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora.

Didi-Huberman, G. (2010). *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34.

Didi-Huberman, G. (2012). Quando as imagens tocam o real. *Pós*, 2(4), 204-209. Recuperado de: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454/12311>

Didi-Huberman, G. (2013). *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Didi-Huberman, G. (2014). *Grisalha: poeira e poder do tempo*. Lisboa: KKYM+IHA.

Didi-Huberman, G. (2017). *Cascas*. São Paulo: Editora 34.

Diógenes, G. & Chagas, J. (2016). O ruidoso silêncio da pixação: linguagens e artes de rua. *NAVA*, 1(2), 304-330. Recuperado de: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/32283/21373>

Dolto, F. & Nasio, J.-D. (2008). *A criança do espelho*. Rio de Janeiro: Zahar.

Endo, P. (2013). Pensamento como margem, lacuna e falta: memória, trauma, luto e esquecimento. *Revista USP*, (98), 41-50. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i98p41-50>

Farinon, S. (2015). *O processo de urbanização de Porto Alegre e suas consequências sobre a formação das sub-habitações da cidade* (Monografia de conclusão apresentada ao curso de

especialização em Engenharia urbana da Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Fernandes, R. A. (2020). Entre sobrevivências e metamorfoses: a montagem de imagens em Aby Warburg e André Malraux. *Rapsódia*, (14), 165-184. Recuperado de: <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/178875/165515>

Ferraz, C. (2021). *Os impactos do Plano de Melhoramentos de 1914 e os projetos de memória da atualidade nas periferias* [Áudio em podcast]. Recuperado de: <https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/desapagapoa/os-impactos-do-plano-de-melhoramentos-de-1914-e-os-projetos-de-memoria-da-atualidade-nas-periferias/>

Figueiredo, L.C. (2021). *A mente do analista*. São Paulo: Escuta.

Frayze-Pereira, J.A. (2009). Arte, psicanálise e cidade. In: Tanis, B & Khouri, M. (Orgs). *A psicanálise nas tramas da cidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Frayze-Pereira, J.A. (2011). *Arte e dor: inquietudes entre estética e psicanálise*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Freud, S. (1996a). O estranho. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol.17). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1919)

Freud, S. (1996b). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol.12). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1912)

Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol.2). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1920)

Freud, S. (2010a). O mal-estar na civilização. In: Freud, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol.18). São Paulo: Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1930)

Freud, S. (2010b). Transitoriedade. In: Freud, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol.12). São Paulo: Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1916)

Freud, S. (2012). O Moises de Michelangelo. In: Freud, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol.11). São Paulo: Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1914)

Freud, S. (2018a). Construções em análise. In: Freud, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol.19). São Paulo: Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1937)

Freud, S. (2018b). Moises e o monoteísmo. In: Freud, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol.19). São Paulo: Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1939)

Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. In: Freud, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 4). São Paulo: Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1900)

Gagnebin, J.M. (2006). *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed.34.

GaúchaZH. (2017). *Câmara de Porto Alegre aprova projeto que fixa multa para pichadores em mais de R\$10 mil*. Recuperado de: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2017/06/camara-de-porto-alegre-aprova-projeto-que-fixa-multa-para-pichadores-em-mais-de-r-10-mil-9816523.html>

Githay, C. (1999). *O que é Graffiti*. São Paulo: Brasiliense.

Gragnani, J. & Machado, L. (2017). *Campanha de Doria contra pichação reacende “guerra do spray” em SP*. Recuperado de: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1850437-campanha-de-doria-contra-pichacao-reacende-guerra-do-spray-em-sp.shtml>

Gregori, D. (2016). *O Atlas Mnemosyne de Aby Warburg: pensando com imagens*. Recuperado de: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20867100.html>

Gurski, R. & Strzykalski, S. (2018). A pesquisa em psicanálise e o “catador de restos”: enlances metodológicos. *Ágora*, 21(3), 406-415. doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003012>

Hissa, C.E.V. & Nogueira, M.L.M. (2013). Cidade-Corpo. *Revista da UFMG*, 20(1), 54-77. doi: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2013.2674>

Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica?. *Ágora*, 6(1), 114-138. doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>

Jacques, P. B. (Org.). (2003) *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/Internacional Situacionista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. Recuperado de: <https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/apologia-da-deriva.pdf>

Junqueira, M.H. (2009). Tempo e ritmo na cidade. In: Tanis, B. & Khouri, M. (Orgs). *A psicanálise nas tramas da cidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kaplan, E. (1995). *A mulher e o cinema: os dois lados da câmera*. Rio de Janeiro: Rocco.

Keller, M. (2014). *O flâneur na contemporaneidade*. Recuperado de: [http://lounge.obviousmag.org/memorias\\_do\\_subsolo/2014/06/um-flaneur-contemporaneo.html](http://lounge.obviousmag.org/memorias_do_subsolo/2014/06/um-flaneur-contemporaneo.html)

Kuntzel, T. (2019) O trabalho do filme. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, 11(2), 132-145. doi: <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2019v2p.132>

Lacan, J. (1995). *O Seminário, Livro 4: As relações de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Publicado originalmente em 1956-1957)

Lacan, J. (2008). *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Publicado originalmente em 1964)

Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. Santos: Martins Fontes.

Lispector, C. (1998). *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco. (Publicado originalmente em 1960)

Maffei, G., Mohr, J., Fernandes, V. & Furini, V. (2021). *Origens da divisão da cidade entre centro e periferia, a lenda da Maria Degolada e os conceitos de favela e maloca* [Áudio em podcast]. Recuperado de: <https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/desapagapoa/origens-da-divisao-da-cidade-entre-centro-e-periferia-a-lenda-da-maria-degolada-e-os-conceitos-de-favela-e-maloca/>

Marek, M. (2009). *Biblioteca Warburg foi centro intelectual na República de Weimar*. Recuperado de: <https://www.dw.com/pt-br/biblioteca-warburg-foi-centro-intelectual-na-republica-de-weimar/a-4831567>

Meira, A. C. (2016). *A escrita científica no divã: entre as possibilidades e as dificuldades para com o escrever*. Porto Alegre: Sulina.

Mohr, J. (2021). *Os impactos do Plano de Melhoramentos de 1914 e os projetos de memória da atualidade nas periferias* [Áudio em podcast]. Recuperado de: <https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/desapagapoa/os-impactos-do-plano-de-melhoramentos-de-1914-e-os-projetos-de-memoria-da-atualidade-nas-periferias/>

Monteiro, C. (2021). *Origens da divisão da cidade entre centro e periferia, a lenda da Maria Degolada e os conceitos de favela e maloca* [Áudio em podcast]. Recuperado de: <https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/desapagapoa/origens-da-divisao-da-cidade-entre-centro-e-periferia-a-lenda-da-maria-degolada-e-os-conceitos-de-favela-e-maloca/>

Moura, C. E. (2020). Devir e destruição: pensando a relação indivíduo-cultura a partir de Freud e Spielrein. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, 11(2), 274-299. doi: <https://doi.org/10.5902/2179378647919>

Orduz, F. (2021). *Implicação do psicanalista na escuta da fome* (Comunicação online apresentada na Quinta Científica da SPPA em 4 de novembro). Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=rji6f6lINBQ>

Pereira, A. (2017). *A função da voz nos primórdios da constituição psíquica* (Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria).

Pesavento, S. (1999). *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Pétonnet, C. (2008). Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropolítica*, 1(25), 99-111.

Possamai, Z. R. (2011). Bom fim: fluidez, movimento e mudança .In: Schmidt, B.B. (Org). *Catálogo da exposição Bom Fim: um bairro muitas histórias*. Porto Alegre: Museu da UFRGS/PROEXT.

Queiroz, C. (2018). Entre Transgressão e arte. *Pesquisa Fapesp*, (269). Recuperado de: <https://revistapesquisa.fapesp.br/entre-transgressao-e-arte/>

Quinet, A. (2002). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Reis, C. D. (2020). Entre o voyeur e o caminhante: perspectivas na produção de conhecimento e de cidades. In: Guareschi, N., Reis, C.D. & Hadler, O.H (Orgs). *Produção de conhecimento: profanação do método na pesquisa*. Porto Alegre: Abrapso Editora.

Rezende, M. V. (2014). *Quarenta dias*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Rivera, T. (2011). *Cinema, imagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Rivera, T. (2020). *Psicanálise antropofágica (identidade, gênero, arte)*. Porto Alegre: Artes & Ecos.

Rocha, A.L. & Eckert, C. (2003). *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Rodríguez, C. (2016). *Lo insoponible en las instituciones de protección a la infancia*. Montevideu: Azafrán.

Rosa, C.T. & Weinmann, A. (2020). A sexualidade feminina em escritos das pioneiras da psicanálise. *Revista Subjetividades*, 20(3). doi: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i3.e9499>

Roudinesco, E. (2006). *A análise o arquivo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Santos, C. (2019). Aby Warburg, a função rememorativa das imagens e o tempo: relatos e análises de Didi-Huberman acerca da sobrevivência das imagens. *Temática*, 15(7), 15-25. Recuperado de: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/46744/28097>

Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.

Santos, M. (2005). *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp.

Santos, M. (2012). *O centro da cidade de Salvador*. São Paulo: Edusp.

Santos, M. (2013). *Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Edusp.

Savi, E. (2019). *Mrs. Dalloway de Virginia Woolf: uma escrita feminina?* (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Schmidt, B.B (Org). (2011). *Catálogo da exposição Bom Fim: um bairro muitas histórias*. Porto Alegre: Museu da UFRGS/PROEXT.

Seligmann-Silva, M. (2010). Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do Mal de Arquivo. *Remate De Males*, 29(2), 271-281. Recuperado de: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636279/3988>

Silva, C. (2021). *Prefeitura apresenta programa de revitalização do Centro Histórico. Prefeitura de Porto Alegre*. Recuperado de: <https://prefeitura.poa.br/gp/noticias/prefeitura-apresenta-programa-de-revitalizacao-do-centro-historico>

Silva, E.L. (2010). *A gente chega e se apropria do espaço! Graffiti e pichações demarcando espaços urbanos em Porto Alegre* (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre).

Siqueira, L. (2012). Porto Alegre e as violações do Direito à Moradia. Recuperado de: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/porto-alegre-e-as-violacoes-do-direito-moradia/>

Sontag, S. (2015). A arte do silêncio. In: Sontag, S. *A vontade radical: estilos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Sousa, E. (2011). Por uma cultura da utopia. *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.12. Recuperado de: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8907.pdf>

Sousa, E. (2015). Margens utópicas: contrafluxos do futuro. Recuperado de: <https://appoa.org.br/correio/edicao/246/editorial/213>

Spielrein, S. (2021). *A destruição como origem do devir*. Porto Alegre: Artes & Ecos. (Publicado originalmente em 1912)

Stoll, D. S. (2020). A flânerie de uma andarilha urbana. *Revista Estudos Feministas*, 28(2), e57230. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2020v28n157230/43494>

Sul21. (2021). *Com a saída dos últimos moradores e comerciantes, desocupação do 'Esqueletão' é concluída. Porto Alegre*. Recuperado de: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2021/09/com-a-saida-dos-ultimos-moradores-e-comerciantes-desocupacao-do-esqueletao-e-concluida/>

Tanis, B. & Khouri, M.G (Orgs). (2009). *A psicanálise nas tramas da cidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Tavares, A. (2010). Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades. *ARS (São Paulo)*, 8(16), 21-30. doi: <https://doi.org/10.1590/S1678-53202010000200002>



Triska, V.H. & Mano, G.C. (2018). Ficção e memória na clínica psicanalítica contemporânea: uma leitura a partir de Black Mirror. *Revista Subjetividades*, 18(2), 36-44. Recuperado de: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/7111>

Vivès, J-M. (2018). *A voz na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Wahba, L. (Org). (2019). *O grafite e a psique de São Paulo: metáforas da cidade*. São Paulo: Blucher.

Weinmann, A. (2017). Sobre a análise filmica psicanalítica. *Revista Subjetividades*, 17(1), 1-11. Recuperado de: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/5187>

Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Zygouris, R. (2012). A escola da rua. *Revista Vórtice de Psicanálise*.

## **FILMOGRAFIA**

Oliveira, R. & Wainer, J. (Dirs.). (2010). *Pixo*. São Paulo, Brasil. Recuperado de: <https://vimeo.com/29691112>

Gething, A., Hill, M. & Niel, T. (Dirs.). (2018). *Civilisations*. London, UK: BBC.

Nurmohamed, A. (Dir.). (2010). *Greek Myths Tales of Travelling Heroes*. London, UK: BBC.